

BRASÍLIA EM QUESTÃO

A loucura das comerciais

Nas CLs, o problema do estacionamento é apenas o prenúncio do que virá no futuro

CARLOS ARAUJO

"A solução é o suicídio coletivo", afirma o gerente do restaurante Pusff, da 104 Norte, ao se referir aos problemas de estacionamento da quadra. Apontando as várias distorções do plano original da cidade ele diz que a construção de estacionamentos para as comerciais do lado das quadras residenciais poderia aliviar a situação caótica que obriga pessoas a colocarem carros em cima da grama, na calçada ou em fila dupla. Ele explica que originalmente as lojas deveriam ter suas frentes voltadas para os blocos. "Pelo menos aqui na Asa Norte é possível construir áreas de estacionamento, tirando-se um pedaço da calçada que fica por trás do comércio local", argumenta o comerciante. Ele acredita que a questão se agrava para os comerciantes porque grande parte dos blocos destinados a escritórios e lojas foram transformados e hoje servem de residência. "A noite, nem sempre os bares e restaurantes podem dispor de vagas porque estas são ocupadas por moradores".

O comerciante Oswaldo Roberto, estabelecido na 311 Sul, acredita que a maior culpa pela falta de esta-

cionamento nos momentos de grande pique é dos próprios donos de lojas. "Alguns têm dois ou três carros e tomam as vagas que poderiam ser dos clientes", garante ele. Oswaldo entende que as pessoas de bom senso deixam o carro em casa ou estacionam nas quadras residenciais, para não afugentar os usuários por falta de vagas. "Vale lembrar que os estacionamentos das superquadras não são privativos", acrescenta. Ele mostra-se contrário ao argumento de que clientes e comerciantes se apropriam das vagas das quadras residenciais, pois "privacidade só existe nas garagens".

O problema é insolúvel, para o gerente da Sotécnica. E se agrava porque os usuários não se sentem motivados a andar de ônibus. Ele esclarece que quando a Agência de Penhores da Caixa Econômica Federal foi transferida da 310, sobram pelo menos 20 vagas, normalmente ocupadas por seus funcionários. Mas de qualquer forma, nos dias de pagamento do funcionalismo brasileiro ou mesmo de outros setores há uma corrida para as compras e as comerciais locais "viram um inferno": são carros destruindo os gramados e calçadas, filas duplas e constantes disputas por uma vaga.

—Ora, se pelo menos o transpor-

te coletivo não fosse tão deficiente. Nem mesmo o chamado Transporte de Vizinhança resolve, porque os ônibus andam como se fossem cavalos e as pessoas quase que precisam estar amarradas para não cair", afirma ele.

No comércio local da 109 Sul as queixas não são diferentes, conforme explica Chico, gerente do Beirute. Mesmo um dos bares mais movimentados nos fins de semana o Beirute "perde muito freguês", segundo o gerente. Ele sugere que se faça estacionamentos nas cabeças das quadras, do lado do Eixínio, a exemplo do que foi feito recentemente na área gramada do Conjunto Nacional, no lado Norte. Para Chico o problema se agravou depois que a clientela não pôde mais utilizar o estacionamento da Igreja Episcopal, na Entrequadra. "A área lá era muito usada mas acabaram fechando", diz. De qualquer forma é muito difícil pensar numa solução a curto prazo, como admite a proprietária do Kika Salão de Beleza, localizado na mesma quadra. Com uma freguesia que muitas vezes tem de queimar gasolina até encontrar uma vaga, ela garante que os caminhões de descarga são responsáveis pelos problemas de vagas e de engarrafamentos na 109 Sul.

Por falta de uma área apropriada para descarregar mercadorias e bebidas eles chegam a formar às vezes verdadeiras filas, atrapalhando automóveis pequenos. "Cada carro de bebida ocupa três ou quatro vagas por horas e horas. Enquanto isso as pessoas ficam rodando, sem encontrar lugar para seus carros", declara.

Os moradores das quadras mais próximas ao comércio não sentem muito o problema, porque podem deixar seus carros em casa. Entretanto, para quem depende também da freguesia de quadras mais distantes tem seu faturamento prejudicado. Este é o caso de José Romualdo Gomes, proprietário do Salão Glamour. A barbearia funciona somente até às sete da noite mas durante o dia ele deixa de atender a várias pessoas, pelo mesmo problema dos que atuam em outros ramos. José Gomes reforça a idéia de que os próprios comerciantes ocupam vagas que se destinam aos usuários. "Porque eles não deixam o carro em casa? Eu tenho fregueses da Asa Norte e até de Taguatinga que chegam aqui e ficam procurando um lugar para o carro. Por isso eu me considero também um prejudicado pela falta de estacionamento".



Muitos carros e poucos locais para estacionar: as CLs estão condenadas